

Dudu Pukwana e Zila estreiam-se com sucesso

22/6/85

N

• Milhares de pessoas no primeiro espectáculo

Com uma assistência calculada em milhares de pessoas, estreou-se com sucesso, na noite de quinta-feira, o saxofonista sul-africano Dudu Pukwana, acompanhado pelo seu conjunto «Zila», que se deslocou ao nosso País expressamente para actuar durante os festejos do 10.º aniversário da Independência Nacional, a convite da AMASP.

Num concerto de cerca de hora e meia, ao ar livre, no recinto da FACIM, Dudu Pukwana interpretou músicas da cultura sul-africana, em estilo «Afro».

Do princípio ao fim a actuação do agrupamento foi acolhida com agrado pela numerosa assistência, que ora com palmas ora com outras manifestações ruidosas saudava algumas das interpretações mais expressivas.

As altas capacidades artísticas de

mento, desde o baterista aos violas baixo e ritmo, passando pelo trompetista e o homem das congas, são músicos bastante experimentados, cuja actuação foi também apreciada pela assistência.

Todavia, a vocalista Pinise Saul, única mulher do grupo, foi praiçadamente a segunda figura do espectáculo, depois do próprio chefe do grupo. A sua exibição foi, por inúmeras vezes, interrompida por estron-

te saudada foi o pianista Marvyn Africa. Músico de craveira internacional antes de abandonar a África do Sul para se exilar em Londres, foi considerado o melhor pianista de toda a cidade sul-africana do Cabo.

Ao longo de toda a sua actuação despertou muita admiração pela sua profunda concentração, que estreitando-lhe todo o corpo arranca ao piano e órgão que toca em simultâneo sons electrizantes que mais se assemelham a um choro.

A maior ovação que lhe foi tributada ocorreu quando ao actuar sozinho e com o palco vazio, interpretou, numa variante de balada, um canto a Nelson Mandela. No clímax desta interpretação Marvyn Africa chora convulsivamente, vendo-se-lhe no rosto, banhado em lágrimas, uma dor-



Pormenor da exibição de Dudu Pukwana e o seu conjunto «Zila», vendo-se na montagem à esquerda a cantora sul-africana Pinise Saul, ao ser calorosamente saudada por uma admiradora, entre a assistência.

Dudu Pukwana impuseram-se em todas as interpretações do grupo, facto que foi também favorecido pela boa qualidade da aparelhagem da EME, posta à disposição deste grupo. A sobriedade e segurança do artista, aliadas à sua serenidade emprestaram à sua exibição um nível que beneficiou amplamente todo o espectáculo. Todos os executantes do agrupamento

receberam ovacões e em algumas ocasiões o entusiasmo incontrolado de algumas das pessoas levou-as a subirem ao palco para oferecer dinheiro à cantora, ensafiando alguns passos de dança com ela. Esta é uma tradição antiga da nossa população, quando em espectáculo pretende homenagear os seus ídolos. Outra figura também calorosamente

recebida expressa, que logo desaparece assim que se extingue o último acorde da melodia.

A última interpretação do grupo é preenchida com o chamado Hino de África (Deus Abençoa África), que é o hino nacional de muitos países africanos nomeadamente Zâmbia, Quênia, Tanzânia e outros.